

# O Pintor

**MonyBlu**

O Pintor olhou a tela em branco à sua frente, e sorriu.

Pegou Sua palheta de cores, só poderia escolher doze, então ficou pensativo e, cautelosamente, foi separando uma a uma.

“Para **Janeiro**, gosto dos alaranjados do verão do sul, misturado com o branco da neve do norte”, disse a Si mesmo

**Fevereiro...** Valentim fica triste quando não escolho o vermelho dos namorados europeus e norte americanos, mas como posso ignorar o carnaval brasileiro?”, riu com malícia, já misturando verde-e-rosa, azul-e-branco, batucando de leve na palheta

**Março.**” e nisso parou. Ficou em dúvida. Continuaria a tentar agradar o Norte e o Sul? O Leste e o Oeste?

Olhou para baixo. Lá, naquela Faixa de terra, começava tudo de novo. Insultos, palavrões, fogo, bomba, ódio.

“É, parece que **ele** está ganhando de mim de novo”, admitiu com mais humildade que o normal.

Olhou para as 2008 telas que já havia pintado desde que resolvera começar de novo, a pedido de Seu Filho. Seu Filho... “Meu orgulho, mais que Minha Imagem e Semelhança, minha Obra Prima, melhorada por si mesma” – e desta vez falou em voz alta, tamanha a felicidade que sentia ao falar de Sua cria favorita.

Duas mil e oito telas pintadas. Algumas eram lindas, outras...

“2001. Setembro. Tive que trocar o colorido primaveril por aquele cinza avermelhado,

banhado de lágrimas...” Lembrou-se de como ficou estarecido, nunca achara que Seu **maior inimigo** seria tão ousado. Pensou nas milhões de vozes a Lhe perguntar “Por quê, por quê...?”. Ele tentara lhes explicar que era o contrário, que Ele precisava de Seus filhos para ganhar essa batalha, mas eles não O ouviam. Seus gritos eram altos demais para que prestassem atenção a seus próprios corações.

2004. Dezembro. Quis dar uma lição, aquelas típicas de pai prá filho, sabendo que o filho sofreria, mas aprenderia e nunca mais repetiria o erro. Ele levava tantos dias (Seis!) para criar a Terra, precisou até de um dia de descanso, e lá estavam eles a destruir tudo. Quis mostrar que eles teriam que parar de destruir mais uma de Suas obras. Mas... Fracassou de novo.

“Para que lhes dei tantos sentidos, se não conseguem VER suas próprias almas, não conseguem OUVIR quando lhes falo através do coração, não conseguem FALAR palavras de amor mais do que de ódio, não sabem TOCAR sem machucar, não têm tempo de CHEIRAR as flores e frutas que criei para embelezar suas vidas, nada, ficam jogando esses negócios inventados por eles achando que podem fazer melhor que eu”...

Olhou para a tela vazia, à sua frente. Pensou em desistir, em jogá-la para o alto, e depois explicar ao Filho, com alguma desculpa, porque não mais pintaria. Mas eis que Ele ouviu... SIM! Uma gargalhada! E um choro! E palmas!

Olhou para baixo e viu a mãe que dava à luz a uma criança na Malásia. Riam mãe, pai, médico, enfermeiras. “O velho milagre da vida”, disse, num auto-elogio. Virou um pouco a cabeça e sacudiu-se, rindo, vendo duas crianças se divertindo na poça de água na favela do Rio de Janeiro. Virou de novo e... epa! Três crianças africanas, em meio a tanto resto de animais mortos e despelados, gargalhavam inocentes brincando de esconde-esconde. Outro som – era um grupo de crianças mexicanas aplaudindo a chegada [deos Reyes Magos](#) (e havia outro grupo na Argentina, e outro no Chile, e na Venezuela, e na Espanha, e....).

Foi quando olhou para baixo do abaixo, e O viu furioso. E, de lá de cima, gritou:

“AINDA NÃO, MEU VELHO!!!!!! HAHAHAHA, AINDA NÃO!!!!!!”

Voltou-se de novo para sua tela. Mirou a palheta de cores. Recostou-se em Sua cadeira, fechou os olhos e sorriu com um tantinho de orgulho e alívio.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-pintor>